

CATEGORIZAÇÕES EM GÊNEROS DO CAMPO JORNALÍSTICO-MIDIÁTICO: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Sérgio Casimiro⁴

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados de uma experiência em sala de aula com o letramento crítico do campo jornalístico-midiático. Realizado em escola pública da periferia de Campinas (SP), alunos foram levados a identificar categorizações sobre “periferia” em textos da imprensa, de diversos gêneros informativos ou opinativos, com diferentes perfis editoriais e ideológicos. Os resultados indicam o desenvolvimento de uma percepção crítica das diferentes abordagens da imprensa, identificando-se sete diferentes categorizações nos textos analisados, que vão desde a percepção da periferia como comunidade até como espaço de atuação violenta da polícia.

Palavras-chave: Categorização; Letramento crítico; Gêneros textuais; Campo jornalístico-midiático.

Abstract

This paper presents the results of a classroom experience with critical literacy in the journalistic media. Conducted in a public school on the periphery of Campinas (SP), Brazil, students identified categorizations about "periphery" in press texts, of different informative or opinion genres, with different editorial and ideological profiles. The results indicate the development of a critical perception of the different approaches of the press, identifying seven different categorizations in the analyzed texts, ranging from the perception of the periphery as a community to a space for truculent police action.

Keywords: Categorization; Critical literacy; Textual genres; Journalistic media.

Introdução

Todos sabem do importante papel que a mídia desempenha como formadora de opinião e fonte de informação, especialmente os meios digitais, que atualmente vêm substituindo cada vez mais o jornal impresso. Ao contrário do que muitos pensam, a mídia está longe de ser imparcial e a maneira como cada empresa jornalística constrói ou interpreta a realidade dos fatos nem sempre é percebida pelos seus leitores. Uma leitura ingênua ou não aprofundada dos textos jornalísticos pode fazer crer que as empresas são neutras e não apresentam interesses e objetivos implícitos na elaboração de cada texto. A partir desse entendimento, uma das funções da escola, como espaço de formação de leitores, é justamente desenvolver não só a competência leitora em

⁴ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Estudos Linguísticos e licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unesp). Professor de rede municipal de Paulínia (SP).



seus alunos, mas também a habilidade de perceber as intenções e ideologias que estão subjacentes a cada texto produzido pelas empresas jornalísticas.

Este trabalho busca mostrar uma proposta de trabalho em sala de aula, cujo objetivo geral é desenvolver não só a leitura de gêneros textuais de diferentes empresas jornalísticas em meio digital, especialmente notícias, reportagens e artigos de opinião, mas também de desenvolver nos alunos uma leitura mais crítica de cada texto.

Em atividade realizada com turmas de 9º anos, na Escola Estadual “Jornalista Cecília de Godoy Camargo”, uma escola pública da periferia de Campinas (SP), foi elaborada uma sequência didática, a partir de conhecimentos prévios sobre gêneros textuais que têm como suporte jornal em mídia digital, como notícia, reportagem e artigo de opinião, em que os alunos envolvidos deveriam pesquisar em diferentes empresas jornalísticas a maneira como o tema “periferia” era abordado, entender qual o papel da linguagem na construção de “pontos de vistas” sobre esse referente e perceber como cada empresa construía essa realidade social e quais intenções estariam subjacentes a cada texto.

A escolha do tema “periferia”, como recorte temático a ser pesquisado pelos alunos, deve-se justamente pelo fato de a escola se situar em um bairro periférico e por nem sempre os alunos terem consciência de como a periferia é apresentada por diferentes empresas jornalísticas. Esse recorte temático possibilitaria a eles identificar os sites que constroem a realidade da periferia tal como eles a conhecem ou de forma distinta dessa perspectiva.

A sequência didática elaborada, tendo em vista esses alunos de 9º ano de escola pública, teve, então, como principais objetivos:

- Conhecer diferentes empresas jornalísticas, suas linhas editoriais e seus pontos de vista sobre a periferia;
- Entender como a realidade e diferentes pontos de vista são construídos pelos meios de comunicação em seus textos;
- Reconhecer estratégias textual-discursivas (categorização e referenciação) como recursos responsáveis pela construção da realidade textual;
- Desenvolver uma leitura crítica e replicante dos diferentes gêneros textuais do campo jornalístico-midiático;



- Perceber a imparcialidade na construção da realidade pelas linhas editoriais das empresas jornalísticas.

Letramento crítico no campo jornalístico-midiático

O desenvolvimento de diferentes habilidades de leitura nos mais diversos gêneros textuais tem sido uma das preocupações de documentos oficiais que norteiam as práticas de ensino de língua materna no Brasil, haja vista os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), desenvolvidos na década de 1990, e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017).

É notório que a internet e o mundo digital trouxeram grandes mudanças na forma de interação entre as pessoas e na forma de se divulgar e buscar informações, bem como de se formar opiniões. Novas tecnologias e internet fazem parte do cotidiano das gerações atuais, independentemente da classe social a que pertençam. Atualmente, qualquer jovem é capaz de acessar jornais, redes sociais e comunicadores instantâneos em seus *smartphones*.

A BNCC (BRASIL, 2017), ao se preocupar com os diferentes campos de atuação de um “aluno-leitor”, passou a contemplar, no chamado “campo jornalístico-midiático”, o desenvolvimento de habilidades concernentes à leitura e réplica de gêneros jornalísticos tanto do meio impresso quanto digital. Dentre as diferentes habilidades presentes na BNCC, destacamos a seguinte:

(EF06LP01) Reconhecer a impossibilidade de uma neutralidade absoluta no relato de fatos e identificar diferentes graus de parcialidade/ imparcialidade dados pelo recorte feito e pelos efeitos de sentido advindos de escolhas feitas pelo autor, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas enquanto produtor de textos. (BRASIL, 2017, p. 167)

Como se sabe, ainda uma das maiores dificuldades da escola, como agência de letramento, tem sido formar alunos não só com fluência na leitura, mas também alunos que sejam capazes de, como diz Rojo (2004), “ler na vida e na cidadania”. A leitura vai muito além da decodificação de um texto escrito, ela compreende também sua análise dentro de um contexto sociocultural e ideológico, em que, notadamente, a construção do texto, suas escolhas gramaticais e lexicais não são ingênuas, nem neutras. De



encontro com esse entendimento, Rojo (2009, p. 112) define os “letramentos críticos” como aqueles em que os leitores são “capazes de lidar com os textos e discursos naturalizados, neutralizados, de maneira a perceber seus valores, suas intenções, suas estratégias, seus efeitos de sentido”. Essas concepções de leitura e de letramento crítico são extremamente importantes para esse trabalho.

Dentre os procedimentos e estratégias de leitura, Rojo (2004) destaca a decodificação, que é a transposição de grafemas em fonemas, a compreensão, que é a extração de informações do texto, e, por fim, a apreciação e a réplica, quando a leitura ultrapassa os níveis da decodificação e interpretação, fazendo com que o texto seja visto como “um conjunto e apreciações das pessoas e das coisas do mundo, dependentes do lugar social do autor e do leitor e da situação de interação entre eles” (ROJO, 2004, p. 3). O processo de formação de leitores críticos compreende justamente os níveis de apreciação e réplica, mencionados pela autora.

Categorização e recursos textuais-discursivos na construção textual da realidade

Inserida nos estudos em Linguística textual, a categorização, como fenômeno linguístico, pode ser entendida como o modo como os objetos de mundo são designados discursivamente. Dessa forma, os referentes, ou elementos do mundo real, são designados pela língua de modo a se criar “objetos-de-discurso”. Nesse processo de referência e referenciação, não há uma relação direta mundo-língua, numa espécie de etiquetagem de objetos discretos do mundo, mas uma relação entre a linguagem, como forma de ação, a cognição e a sociedade. Ocorre aqui uma “textualização” ou “discursivação do mundo” por meio da linguagem que, segundo Koch (2008a, p. 46), “não consiste em um simples processo de elaboração de informações, mas num processo de (re)construção do real”. Um clássico exemplo de categorização é o da escolha lexical entre “ocupação” ou “invasão” para se referir ao conjunto de habitações e bairros periféricos.

Mondada (2003) verifica que a construção de objetos-de-discurso e da realidade também depende do ponto de vista dos atores sociais num determinado contexto. Por conta disso, existem várias categorizações para descrever o mesmo objeto de mundo. Para a autora, “a variação e a concorrência categorial emergem notadamente quando uma cena é vista de diferentes perspectivas, que implicam diferentes categorizações da



situação, dos atores e dos fatos” (MONDADA, 2003, p. 121). Ou seja, a construção das categorias depende da multiplicidade de pontos de vista que os sujeitos exercem sobre o mundo, havendo o que se pode chamar de “perspectivação da construção discursiva dos referentes” (cf. CARVALHO, 2005).

Assim, o uso de determinadas categorias e objetos-de-discurso constitui uma estratégia argumentativa, uma vez que o ato de categorizar demarca uma tomada de posicionamento, construindo um centro de valor ou ponto de vista. Dessa forma, não se utiliza a linguagem para falar sobre o mundo, mas para construir um mundo nas interlocuções. Como nos mostra Apothélos & Reichler-Béguelin (2014, p. 13), a seleção dos referentes pelo enunciador e sua (re)categorização constituem estratégias de persuasão.

Organização da sequência didática

O trabalho realizado com os alunos iniciou-se com a apresentação dos gêneros textuais jornalísticos a serem analisados na atividade de leitura: a notícia, a reportagem e o artigo de opinião. Em seguida, foram apresentadas algumas empresas jornalísticas com conhecida linha editorial. Abaixo, podemos observar as etapas da sequência que foram cumpridas:

Etapas	Descrição
Contato com alguns gêneros textuais jornalísticos.	Nesse primeiro passo, foi feita a apresentação dos gêneros textuais jornalísticos, suas características estruturais e estilísticas: notícia, reportagem e artigo de opinião.
Contato com algumas empresas jornalísticas.	Foi feita a apresentação de diferentes empresas jornalísticas com linhas editoriais diferentes: <i>Revista Veja, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Carta Capital, Revista Fórum e Brasil 247.</i>
Seleção de textos com o recorte temático “periferia” em cada uma das empresas.	Foi feita uma pesquisa, em que os alunos selecionavam pelo menos dois textos (gêneros notícia ou artigo de opinião) de cada empresa

	jornalística, para posterior leitura e análise. Cada um dos textos deveria abordar algo relacionado à periferia, fossem fatos, fossem opiniões de colunistas.
Leitura dos textos a partir de um roteiro de perguntas: decodificação e interpretação.	Nesta primeira leitura, buscou-se a decodificação e interpretação dos textos. É o momento de um entendimento básico das notícias e artigos de opinião, identificando as informações explícitas e implícitas.
Leitura crítica dos textos selecionados: apreciação e réplica.	Corresponde à análise dos textos como evento comunicativo, inserido em um contexto de produção, num dado momento histórico, com intenções comunicativas. Foram identificados os pontos de vistas argumentativos de cada texto (mesmo em se tratando de notícias/reportagens), observando sua produção dentro de cada empresa jornalística. Foram identificados elementos linguísticos, como itens lexicais, que (re)categorizam e constroem objetos-de-discurso, apontando para a concepção que cada empresa jornalística tem sobre a periferia. Valendo-se do levantamento de itens lexicais, foi possível perceber como cada empresa concebe essa realidade social dentro de sua linha editorial.
Debate	Após os diferentes momentos de leitura, foi organizado um debate entre os alunos, em que se buscou discutir as diferentes concepções de “periferia” e o ponto de vista defendido por cada empresa jornalística. Esse foi o momento em que os alunos puderam se manifestar suas opiniões e



	resultados das análises e defender o que pensavam sobre o que leram e analisaram.
--	---

Resultados

A fase mais complexa dessa atividade compreende justamente o momento em que os alunos, a partir das notícias e artigos de opinião selecionados de cada empresa, tentam identificar a maneira como o referente “periferia” é designado, ou seja, a concepção de “periferia” que cada jornal apresenta e quais elementos linguísticos nos textos apontam para essa “visão da realidade”. No processo de apreciação e réplica, alguns grupos de alunos puderam observar, por exemplo, que:

- A) Para empresas como *Folha de S. Paulo*, *Veja* e *O Estado de S. Paulo*, a periferia é marcadamente o lugar “de pobreza”, “de miséria”, “do tráfico”, “do roubo”, “local onde a polícia deve prender e punir”;
- B) Para empresas como *Carta Capital*, *Revista Fórum* e *Brasil 247*, a periferia é marcadamente o lugar de “segregação”, de “exclusão social”, de “manifestações culturais” e onde as ações da polícia são “violentas”.

Isso fica claro nos exemplos abaixo, em que aparecem alguns fragmentos de cada concepção sobre a periferia e do título do texto e jornal em que foram retirados:

- i) Periferia como lugar de “pobreza”: “Alta de roubos que atinge a cidade de São Paulo afeta mais **os bairros pobres** que **os bairros ricos**” (Notícia: Roubos crescem mais na periferia do que nos bairros ricos/ *Folha de S. Paulo*).
- ii) Periferia como lugar da “violência”, do “crime” e do “tráfico”: “O **criminoso** mais procurado do Estado (...) foi preso na manhã de hoje, na casa dele, na **favela** Vila Vintém...”. (Notícia: Polícia do Rio prende chefe de organização criminosa/ *O Estado de S. Paulo*) e “Na **periferia**, moradores estão mudando a rotina para fugir dos **assaltos**”. (Notícia: Roubos crescem mais na periferia do que nos bairros ricos/ *Folha de S. Paulo*).
- iii) Função da polícia: punir e prender criminosos: “Não podemos falar 'por que a PM está matando?'. A **PM está trabalhando**. A **criminalidade** está mais **violenta**.” (Notícia: Mortos por PMs em serviço sobem em SP; secretário culpa

criminoso violento/ Folha de S. Paulo) e “**O criminoso** mais procurado do Estado (...) **foi preso** na manhã de hoje, na casa dele, **na favela Vila Vintém...**”. (Notícia: Polícia do Rio prende chefe de organização criminosa/ *O Estado de S. Paulo*)

- iv) Periferia como “comunidade”: “Eles estão acostumados com os gritos dos policiais invadindo as ruas **das comunidades**” (Artigo de opinião: Os gritos da periferia/ *Brasil 247*).
- v) Periferia como lugar de “exclusão social”, de “excluídos”, de “segregação”: “(...) **jovens trabalhadores de baixa renda**” / “jovem é **arrimo de família**”. (Notícia: Periferias urbanas abrigam 29% da população do Brasil/ *Brasil 247*) e “(...) veto a rolezinhos consagra **o apartheid brasileiro**”. (Notícia: PM a jovens da periferia: “vou arrebentar vocês” / *Brasil 247*).
- vi) Periferia como espaço de cultura, de manifestações artísticas e de atores culturais: “Por conta da contínua **efervescência da cultura periférica**, diversos grupos que atuam com linguagens artísticas...”. (Notícia: Para periferia, ocupar o espaço público significa enfraquecer a cultura do medo/ *Carta Capital*) e “(...) por meio do funk conseguem dialogar com grande parte das mulheres negras que vivem em periferia, fazendo dessas **mulheres protagonistas de suas histórias...**”. (Funk como instrumento da luta contra o racismo/ *Brasil 247*).
- vii) Ação da polícia: violenta e racista: “(...) **a PM ataca sem dó**, revelando sua **vocação pela violência**”. (Notícia: Fenômeno do rolezinho, o *occupy* da periferia/ *Brasil 247*) e “(...) eles estão acostumados com **os gritos dos policiais invadindo** as ruas das comunidades” (Notícia: Os gritos da periferia/ *Brasil 247*).

Durante a fase do debate, os alunos também puderam argumentar concordando ou discordando de cada jornal, tendo como referência o conhecimento de mundo que eles têm como moradores da periferia e a concepção que cada empresa apresenta sobre essa realidade.

Considerações finais

Atividades de letramento crítico ainda são desafios nas práticas em sala de aula. Muitas vezes, o ensino da leitura não se compromete com uma análise mais



aprofundada de textos, especialmente textos do campo jornalístico-midiático. Uma das tarefas mais difíceis da escola, talvez, seja não somente ensinar os alunos a lerem, como decodificação e interpretação, mas ensiná-los a enxergar os textos de forma global, inseridos em uma situação sociocultural interativa de comunicação, providos de intencionalidades e interesses em sua produção.

Esse trabalho em sala de aula é apenas um exemplo de atividade que tem como objetivo ir além da leitura decodificadora ou apenas superficial. A partir de concepções teóricas que permitem uma análise mais cuidadosa da construção de gêneros textuais escritos, o que se propôs aos alunos foi, justamente, tentar olhar para o texto mais minuciosamente, sem se esquecer de relacioná-lo globalmente, com a situação comunicativa como todo, levando em consideração o produtor do texto, o jornal para onde esse produtor trabalha, os interesses desse jornal, o público alvo desse jornal, os fatos históricos e políticos do momento da produção do texto etc.

O ensino de gêneros do campo jornalístico-midiático é extremamente importante nas escolas, uma vez que podem estar presentes no cotidiano dos alunos, mas principalmente porque são gêneros que estão diretamente relacionados à formação de opinião, à apresentação de uma realidade, constituindo-se, assim, numa forma de “controle das mentes”.

Uma leitura crítica de gêneros jornalísticos permite ao leitor identificar os reais interesses de cada texto ou empresa, tornando-os leitores para o mundo e para a cidadania, leitores que não são ingênuos e que são capazes de notar eventuais interesses em manipular ou distorcer a realidade. Nesse caminho, o que se pode notar é que tal experiência permitiu aos alunos perceber que a produção jornalística não é neutra e que a maneira como alguns jornais “falam da periferia” não necessariamente condiz com o mundo que eles conhecem por estarem inseridos nessa realidade.

Referências bibliográficas

APOTHÉLOZ, D.; REICHELER-BÉGUÉLIN, M-J. Construction de la référence et strategies de designation. In: BERRENDONNER, A. & REICHLER-BÉGUÉLIN, M-J. (ed.). **Du syntagme nominal aux objects-de-discours**. Neuchâtsh: Université de Neuchâtsh, p. 227-271, 1995

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. IN: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.
- CARVALHO, M. A. F. **O funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião**. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: IEL/Unicamp, 2005.
- KOCH, I. G. V. Linguagem e cognição: A construção e reconstrução de objetos-de-discurso. IN: KOCH, I. G. V. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008a.
- KOCH, I. G. V. Rotulação: uma estratégia textual de construção de sentido. IN: KOCH, I. G. V. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008b.
- KOCH, I. G. V. Referenciação. IN: KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2011.
- KOCH, I. G. V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, L. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. IN: MARCUSCHI, L. A. **Cognição, Linguagens e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a.
- MARCUSCHI, L. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. IN: MARCUSCHI, L. A. **Cognição, Linguagens e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In CAVALCANTE, M.M., RODRIGUES, B.B., CUILLA, A. (org.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- MORATO, E. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? Niterói, **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição n° 41**, p. 93-113, 2010.
- MORATO, E. M.; BENTES, A. C. Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n°55(1), p.125-137, jan./jun. 2013.
- ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004.
- ROJO, R. **Letramentos digitais – a leitura como réplica**. Campinas: Trab. Ling. Aplicada, 46, jan-jun. 2007.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

